

Seminários FESPSP – Incertezas do trabalho

02 a 05 de outubro de 2017

GT 16 – Relações raciais e étnicas na América Latina: ancestralidades e lutas

**A Umbanda como religião genuinamente brasileira: visão antropológica da história e cultura afro-brasileira**

---

Carlos Henrique Oliveira Dias<sup>1</sup>

Regina Rossetti<sup>2</sup>

**Resumo**

O presente artigo busca retratar a Umbanda enquanto religião genuinamente brasileira a partir do advento de manifestações de possessão através de Zélio Ferdinando de Moraes ainda em 1908. Buscamos trazer nessa investigação a linha do tempo histórica da Umbanda a partir da década de 1900 envolvendo a primeira tenda espírita de Umbanda, os períodos de dificuldades em relação ao preconceito social referente à sua prática, bem como seus períodos evolutivos de ascensão em número de praticantes, bem como sua legitimação como religião. Trazemos ainda as concepções das diferenças entre as práticas que envolvem outras tendências espíritas, inclusive as vertentes da Umbanda, o hibridismo e o sincretismo com o catolicismo e a mestiçagem entre as culturas afro-brasileiras e indígenas, construindo assim, uma religião genuinamente brasileira.

**Palavras-chave: cultura; entidade; espírita; religião; Umbanda.**

---

<sup>1</sup>Mestre em Comunicação  
Universidade Municipal de São Caetano do Sul  
cdias\_cdias@yahoo.com.br

<sup>2</sup>Doutora em Filosofia  
Universidade Municipal de São Caetano do Sul  
rossetti.regina@uol.com.br

## Introdução

Desde os tempos mais remotos da história, o homem busca inúmeras maneiras de encontrar sentido e significado para os diversos fenômenos da vida, seja pela arte, pela música, na sua própria história, nas ciências de modo geral e também na religião. Entender o comportamento humano é um desafio constante desde a socialização do indivíduo, assim como entender a religião e sua relação com o homem também não é tarefa fácil.

Não podemos definir a religião como algo simples e universal, pois há particularidades que devem ser consideradas. Um sentido mais literal para o conceito de religião na literatura é:

Um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e vestindo essas concepções com tal aura de factualidade que as disposições e motivações parecem singularmente realistas (GEERTZ, 1989, p. 67).

Para a Antropologia, a religião antes de qualquer coisa é uma questão simbólica que liga o homem ao divino através de ritos, conforme defende Adriane Luísa Rodolpho (Doutora em Antropologia Social) em seu artigo “Rituais, ritos de passagem e de iniciação: uma revisão da bibliografia antropológica” (2004, p. 141).

A partir do final do século XVII e início do século XVIII, em pleno movimento iluminista, o homem passa a encarar a religião não só como um dogma, mas também como ciência. No Brasil, assim como nos mostra a academia, quando da colonização, além da expansão territorial, a propagação da fé católica era uma das grandes bandeiras europeias quando colonos aportaram por aqui. O primeiro grupo étnico a sofrer alterações em seus traços culturais foram os índios, obrigados a (des)aculturar-se de suas crenças e tradições para absorver os ensinamentos católicos cristãos quando catequizados pelos jesuítas.

Outro grupo submetido a se desapegar de suas tradições foram os negros escravizados que chegaram por aqui com o tráfico negreiro, oriundos da África subsaariana. O processo forçado de uma nova aculturação deu início não muito depois de sua chegada. Proibidos de cultuar seus deuses e orixás, os negros também foram obrigados a aceitar a fé católica como sua religião, logo, o número de

negros convertidos ao Catolicismo só aumentava, mesmo sem sua própria vontade, mas por coerção.

É muito comum ouvirmos do senso comum que os negros trouxeram para o Brasil o Candomblé e suas variações de nações<sup>3</sup>, porém as raízes que os negros nos deixaram vão muito além disso. Primeiro é preciso desconstruir a ideia comum de que toda religião que trabalha com possessão ou incorporação é “espiritismo”. Não podemos de modo nenhum confundir as práticas espirituais do Candomblé, do espiritismo de Allan Kardec e da mais jovem das três linhagens, a Umbanda.

Assim, como qualquer outra religião, a Umbanda possui sua linha histórica, seu surgimento, suas características, seus fiéis. Até os dias atuais há informações desconstruídas a respeito da Umbanda, já que, para alguns, ela (a Umbanda) foi trazida pelos negros quando aportaram no Brasil. Logo, podemos nos perguntar: se não foram os escravos africanos que nos trouxeram a Umbanda, como ela surgiu? Existe um paradigma muito grande quando tratamos de religiões que trabalham com incorporações e creem na reencarnação ou, ainda, outros fenômenos que não são comuns nas religiões, digamos, puramente cristãs (TRINDADE, 1991).

Não obstante, com o advento da modernização da sociedade, da transição do senso comum para o senso crítico, o homem sentiu-se mais livre e ritos cristãos começaram a tomar novo rumo.

No final do século XVIII, a Revolução Francesa marca na história a liberdade para o homem. Na metade do século XIX tivemos uma grande revolução nos cultos ou seitas tidas como cristãs. Veio-nos da Europa, da França, a CODIFICAÇÃO DA DOCTRINA DOS ESPÍRITOS, por ALLAN KARDEC (TRINDADE, 1991, p. 49).

Allan Kardec, estudioso do espiritismo, publicou vários livros sobre o tema, entre eles “O Livro dos Espíritos”, “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, “O Céu e o Inferno”, entre outros. Também foi o criador da “Revista Espírita”. Kardec visava desmistificar as questões acerca da morte, da vida após a morte, da reencarnação e com isso surgiu a linha kardecista.

Na segunda metade do século passado, o Brasil recebeu muitas influências da França: moda, cosméticos, ciência. Juntamente com isso também absorveu o que era relacionado aos fenômenos espíritas, com maior predominância na classe aristocrática. Essa aristocracia deu origem a certo preconceito, já que quem em vida

---

<sup>3</sup> Nos Candomblés é muito comum classificar a nação à qual cada terreiro pertence, ou seja, a que modo esse Candomblé é tocado: ketu, nagô, gêge, entre outros (N.A.).

não tivesse sido uma personalidade importante não poderia se manifestar nas sessões espíritas, ou seja, o espírito era convidado a se retirar, sendo considerado como parte do “baixo espiritismo<sup>4</sup>” (TRINDADE, 1991).

O intuito dessa pesquisa não é traçar a vida do negro africano escravizado e dos índios que aqui viviam, até os dias atuais, tampouco detalhar as formas de relação com o divino dos africanos, mas sim apontar os principais indícios da cultura negra que acabou por tornar-se uma religião genuinamente brasileira – a Umbanda e para tanto, seguiremos o itinerário proposto por Cumino (2015), segundo o qual a Umbanda desenvolveu-se no que podemos chamar de ondas, ou seja, em partes.

**Primeira Onda**, de 1908 a 1928 – nascimento e expansão inicial no Rio de Janeiro; **Segunda Onda**, de 1929 a 1944 – legitimação e florescimento em outros estados; **Terceira Onda**, de 1945 a 1980 – expansão vertiginosa e global da Umbanda. **Refluxo**, de 1980 a 1990 – esvaziamento gradual e contínuo; **Quarta Onda**, de 1991 a 2009 – busca da maturidade e crescimento lento (CUMINO, 2015, p. 136).

A partir da proposta de Cumino, para caracterizarmos as origens históricas da Umbanda no Brasil, trataremos da primeira onda, com destaque à Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, e da segunda onda. Depois trataremos da quarta onda até os dias de hoje, para descrever o atual estado da Umbanda.

## 1) Origens da Umbanda entre as décadas de 1900 e 1920

Ao final do século XIX, o Brasil passa por grandes transformações sociais com o advento da libertação dos escravos e a instauração da República. O termo Umbanda surge no Brasil em torno de 1889, modificado da escrita original Aumbandam<sup>5</sup>. Nesse mesmo período o mediunismo já estava presente nas sessões ou mesas espíritas oriundas do Kardecismo. Mas, afinal, o que era a Umbanda? A literatura acadêmica aponta que:

O vocábulo Umbanda foi lançado, em geral, em locais pouco frequentados. Quando não, diziam as Entidades atuantes que a Umbanda era um movimento novo, que iria se espalhar por todo o Brasil, trazendo esperança, secando lágrimas, espargindo compreensão, amor, acendendo a fé, centelha divina que de há muito tempo se apagara em muitas infelizes criaturas. Iniciou-se então um movimento silencioso, mas contínuo da luz contra as

<sup>4</sup> Baixo espiritismo era considerado os espíritos de negros, pobres, índios e qualquer outro que, em vida, não tivesse linhagem nobre.

<sup>5</sup> Ligação entre o homem e o divino.

sombras, dos magos da face branca contra os magos da face negra (TRINDADE, 1991, p. 54).

Até tornar-se o que conhecemos hoje, a Umbanda passou por algumas concepções ao longo do tempo, pois é, até os dias atuais, facilmente confundida com outras denominações afro, como macumba, quimbanda e mesmo o Candomblé. A Umbanda aparece como algo distinto dos demais cultos afro, pois possui uma identidade própria, particularmente brasileira, e faz oposição às religiões de fundamentação estrangeira como o Protestantismo e o Catolicismo (TRINDADE, 2009).

Embora se tenha relatos anteriores de manifestações de espíritos considerados não eruditos, foi em 15 de novembro de 1908 que uma entidade indígena denominada Caboclo das Sete Encruzilhadas, por meio do médium Zélio Fernandino de Moraes, fez-se presente em uma reunião mediúnica, por isso dizem que essa é a data-chave da comemoração da fundação da Umbanda.

Em alguns momentos ele (Zélio) assumia a condição de um velho, dizendo coisas aparentemente desconexas, como se fosse outra pessoa e que havia vivido em outra época. Às vezes sua forma física lembrava um felino lépido e desembaraçado que parecia conhecer todos os segredos da natureza, os animais e as plantas (TRINDADE, 2009, p. 83).

Essas manifestações começaram a acontecer com frequência e isso preocupou seus familiares, inclusive um médico psiquiatra que não conseguia diagnosticá-lo, já que na medicina não encontrara nada semelhante. Então, levaram-no a um padre, pois parecia ser algo parecido com possessão. À família foi recomendado que o levasse a um exorcista, o que também não surtiu efeito, pois os “ataques demoníacos”, na concepção da família, ainda continuavam (TRINDADE, 2009).

Apesar de várias tentativas de uma suposta cura, Zélio não revertia o quadro e as possessões ficaram cada vez mais frequentes, conforme relata o autor:

Passadas algumas semanas, Zélio foi acometido por uma espécie de paralisia, que os médicos não conseguiam curar. Certo dia, de forma repentina, levantou-se da cama e disse: amanhã estarei completamente curado. No dia seguinte voltou a andar como se nada tivesse ocorrido. Sua mãe, Dona Leonor de Moraes, levou-o a uma curandeira, muito conhecida na região, Dona Cândida, que incorporava um Preto-velho chamado Tio Antonio. [...] No dia 15 de novembro de 1908, por sugestão de um amigo, levou Zélio à recém-fundada Federação Espírita de Niterói” (TRINDADE, 2009, p. 84).

Diante da manifestação de um espírito em Zélio, este foi convidado para sentar-se à mesa de trabalho, porém o jovem rapaz passou a ter uma reação considerada estranha: em voz alta disse que naquele ambiente estava faltando uma flor, retirando-se do local e indo ao jardim colher a tal flor. Essa sua atitude causou, além de estranheza aos presentes, principalmente porque essa ação de Zélio motivou outros pretos-velhos e caboclos a se manifestarem, grande irritabilidade ao diretor da sessão (TRINDADE, 2009).

Ao ser taxado de espírito atrasado e ser convidado a se retirar do local, mais uma vez a força estranha dominou Zélio, que questionava o motivo de tal proibição, dizendo que se tratava de preconceito racial e social, pois eram espíritos de negros e índios. Foi um longo debate de doutrinação na tentativa de afastar tal espírito, sem sucesso, até que outro homem, José de Souza, que acompanhava Zélio e era médium vidente, conseguiu avanços no diálogo.

O espírito revelou ter sido um padre jesuíta, porém ressaltou que em sua última encarnação nasceu como um caboclo brasileiro, o Sete Encruzilhadas.

Se julgam atrasados os espíritos dos pretos e dos índios, devo dizer que amanhã estarei na casa desse aparelho, para dar início a um culto em que esses pretos e esses índios poderão dar a sua mensagem e, assim, cumprir a missão que o Plano Espiritual lhes confiou. Será uma religião que falará aos humildes, simbolizando a igualdade que deve existir entre todos os irmãos encarnados e desencarnados. E se querem saber meu nome, que seja este: Caboclo das Sete Encruzilhadas, porque não haverá caminhos fechados para mim. Venho trazer a Umbanda, uma religião que harmonizará as famílias e que há de perdurar até o fim dos tempos<sup>6</sup>.

Durante toda a “entrevista”, o Caboclo das Sete Encruzilhadas fez várias revelações sobre o que estava por vir na sociedade, como as duas guerras mundiais, as bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki, o poder imperialista do dinheiro, a degeneração com os conceitos morais, entre outras revelações. A partir daí, o espírito disse que sua religião iria funcionar com o nome Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, no Rio de Janeiro, cidade onde vivia Zélio de Moraes.

Historicamente, a Umbanda pode ser dividida em quatro ondas, que abrangem épocas diferentes ao longo do tempo, que veremos posteriormente, o que nos mostrará os períodos de ascensão e declínio da Umbanda desde o seu

---

<sup>6</sup> Parte da entrevista com o espírito do Caboclo das Sete Encruzilhadas ao médium José de Souza que consta no livro *Umbanda Brasileira: um Século de História*, de Diamantino Fernandes Trindade, p. 85, 2009.

surgimento. Zélio fundou não somente a Tenda Nossa Senhora da Piedade, mas também outras sete. Dessas tendas fundadas foram surgindo novos médiuns, que também trabalhavam com possessão. Os que viviam em lugares longínquos passaram a manter suas próprias tendas em suas terras de origem, fazendo com que a nova religião se expandisse rapidamente mesmo sem um corpo doutrinário ou associação que a organizasse enquanto instituição (CUMINO, 2015).

Para Diana Brown *et al* (p. 15-16, *apud* CUMINO, 2015, p. 140), o próprio presidente Vargas era umbandista, pois à época existiam relatos de que este frequentava pontualmente um centro de Umbanda no Rio de Janeiro. Porém, isso não afastava a possibilidade de o governo perseguir, já que em 1934, uma lei dirigida aos praticantes da Umbanda, do espiritismo e de religiões de matrizes afro os coloca sob a alçada do Departamento de Tóxicos e Mistificações da Polícia do Rio de Janeiro, ou seja, para funcionar, as tendas ou templos deveriam possuir uma autorização que, ao mesmo tempo em que pregava uma sensação de liberdade para a prática, deixava os adeptos numa situação sujeita a extorsões, saques, invasões ofensivas, entre outras ações praticadas pela polícia à época (CUMINO, 2015).

A transição do Império para a República e depois para uma Nova República trouxe ao povo brasileiro um novo sentido de ser patriota, pois já não pertencíamos mais a Portugal. Isso fez o brasileiro valorizar o que era de fato vindo de nossa terra, logo, a Umbanda como uma religião totalmente brasileira era o que faltava para coroar a questão religiosa da época.

Nesse sentido, a Umbanda teve um papel fundamental na construção da identidade cultural de nosso país, principalmente pelo fato de os espíritos de escravos e índios estarem muito próximos do cotidiano de quem frequentava um terreiro. Para Alexandre Cumino, em sua obra “História da Umbanda: uma Religião Brasileira” (2015), até o modo de falar dessas entidades estava bastante propínquo ao do consulente ou adepto novato – principalmente em uma época em que o Catolicismo europeu ainda prevalecia na maioria das famílias brasileiras – gerando assim certo grau de proximidade e familiaridade, bastante diferente das religiões consideradas intelectualizadas, como o próprio espiritismo kardecista.

Ainda na década de 1930, precisamente em 1936, as campanhas contra os cultos e ritos de cunho afro-brasileiros tomaram proporções distintas. Um elo de rotulagem passou a ser imposto de maneira que categorizava o “alto espiritismo” e o “baixo espiritismo”, ou seja, como se o “alto espiritismo” fosse a religião erudita,

enquanto o “baixo espiritismo”, uma seita popular. Uma verdadeira “divisão social” espírita foi alavancada. À medida que o considerado espiritismo erudito caminhava a passos largos para sua difusão e perfilamento, o espiritismo popular – logo, a Umbanda – permanecia com o dístico de falso espiritismo ou espiritismo inferior. A legitimação da Umbanda enquanto religião brasileira, e não uma seita, deu-se em 1939, com a fundação da primeira associação organizadora e representativa, conforme registros literários:

Em agosto de 1939, por orientação do Caboclo das Sete Encruzilhadas, Zélio de Moraes fundou a Federação Espírita de Umbanda do Brasil (FEUB), que teve como primeira missão organizar e realizar o Primeiro Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda, em 1941. Logo após o Congresso, a FEUB mudaria seu nome para União Espírita de Umbanda do Brasil (UEUB), que continua na ativa (CUMINO, 2015, p. 153).

No ano de 1940 foi registrada por Zélio de Moraes a Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, permitindo que demais Tendias de Umbanda fossem “legalizadas”, ganhando assim o adjetivo “espírita” junto a seu nome. A Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade é um marco na linha histórica da Umbanda, mantendo suas atividades religiosas e caridosas até os dias atuais.

## **2) A Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade**

Com o advento da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, sob orientação do Caboclo das Sete Encruzilhadas, outras sete tendias deveriam ser inauguradas para dar seguimento ao crescimento e propagação do movimento umbandista:

Transcritos os anos entre 1917 e 1918, o Caboclo das Sete Encruzilhadas recebeu ordens e assumiu o comando para a fundação de mais sete Tendias, que seriam uma espécie de Núcleos Centrais, de onde se propagaria a Umbanda para todos os lados. Oportunamente, numa sessão de desenvolvimento e estudos, o Caboclo das Sete Encruzilhadas escolheu sete médiuns para fundarem os novos Templos (TRINDADE, 1991, p. 67).

Assim, denominou-se que as Tendias que seriam inauguradas seriam:

- Tenda Nossa Senhora da Conceição, 1918;
- Tenda Nossa Senhora da Guia, 1927;
- Tenda São Pedro, 1935;
- Tenda Oxalá, 1935;
- Tenda São Jorge, 1935;

- Tenda São Jerônimo, 1939;
- Tenda Santa Bárbara, 1952.

Oportunamente, outras Tendias foram surgindo não só no Rio de Janeiro, como também em outros estados, dando grande vazão ao movimento umbandista, que estava em plena campanha para arrebanhar o maior número possível de adeptos.

A Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade deu início às suas atividades nos arredores de Niterói, mudando-se em 1918 para próximo ao Cais da Barra, também no Rio de Janeiro. Nesses seus 108 anos de existência, a Tenda passou por diversos endereços, sendo que de 1908 a 1940 funcionou dentro da própria casa de Zélio de Moraes.

Recentemente, em 2011, fato inusitado ocorreu: o local onde havia a primeira sede da Tenda – a casa da família de Zélio – teve de ser demolido. Por tratar-se de prédio obviamente histórico, assim como toda a trajetória da Umbanda, envolveu vários intelectuais, artistas e políticos na tentativa de barrar tal demolição, inclusive com uma carta do deputado Jean Wyllys à então prefeita de São Gonçalo (RJ), conforme se vê:

Exma. Sra. Maria Aparecida, é lamentável a notícia de iminente demolição da construção que representa um dos remanescentes marcos da origem da história da Umbanda – o casarão da Rua Floriano Peixoto, na cidade de São Gonçalo, RJ. Foi naquela casa, já castigada pelo tempo desde sua fundação no início do século 20, que Zélio Ferdinando de Moraes, o anunciador da Umbanda, celebrou as primeiras cerimônias para a comunidade daquele município. É competência comum da União, dos Estados e dos Municípios a defesa do patrimônio cultural (Constituição da República, artigo 23, incisos III e IV), tendo em vista, especialmente, a importância deste bem para toda a coletividade e o interesse público por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil. A Umbanda é religião genuinamente brasileira, sincretizando elementos de diversas matrizes de nossa formação, como o Catolicismo, do espiritismo e de religiões de origem africana. Não é por outro motivo que é considerada patrimônio imaterial do estado do Rio de Janeiro (Lei Estadual no. 5.514/09). Sendo patrimônio imaterial, os bens que representam em concreto suas origens devem também ser preservados. É vergonhoso tamanho descaso para com nossa cultura e nossa história. O imóvel deveria estar sob regime de especial proteção, como o tombamento. É lamentável que os entes da federação omitiram-se em cumprir seus deveres. Não se diga que ninguém solicitou providências ao poder público como desculpa para desatenção com a casa, uma vez que o tombamento de bens particulares pode ser voluntário ou compulsório. Nesse último caso, é de iniciativa do Estado (art. 9º. Decreto-lei 25/37). Em não tendo ainda sido demolida a casa, pede-

se que os poderes públicos tomem as medidas cautelares de urgência a fim de evitar esse sangramento de nosso patrimônio histórico (Jean Wyllys, 04/10/2011)<sup>7</sup>.

Em resposta à carta do deputado Jean Wyllys, a prefeitura eximiu-se da responsabilidade, já que se tratava de uma área particular (pois esta havia sido vendida e não pertencia mais à família de Zélio), em entrevista ao jornalista Sidney Rezende:

*A Prefeitura Municipal de São Gonçalo informou através de uma nota que não há, da parte dela, nenhum procedimento para tombar ou desapropriar o terreiro de Zélio de Moraes, na Rua Floriano Peixoto, em Neves. Este é o lugar onde aconteceu o primeiro encontro da Umbanda, no início do século passado, e o imóvel estava sendo reivindicado como patrimônio histórico. A casa está em ruínas. A denúncia foi publicada no Jornal Extra. A prefeitura disse que não tem qualquer gerência sobre a demolição porque a área é particular e, portanto, o dono do imóvel é o responsável pelas obras no local. A prefeitura informou ainda que não existe nenhum estudo por parte deles quanto à construção do Museu da Umbanda no local. Sobre esta ideia de se construir um museu, a prefeitura afirmou que o interlocutor da Comissão de Combate à Intolerância Religiosa, Ivanir dos Santos, relatou que o pedido foi feito pela CCIR à Secretaria da Presidência da República, e a secretaria teria se comprometido a articular a medida junto ao Ministério da Cultura, segundo Santos. A propriedade foi vendida em 2010 e representantes da CCIR questionam a prefeitura do município, que não impediu a venda nem tornou o imóvel patrimônio histórico. A Umbanda foi criada há 103 anos e é considerada a única religião 100% brasileira”<sup>8</sup>.*

Pode-se perceber que, mesmo com o passar do tempo, a falta de interesse do poder público em preservar a identidade da cultura brasileira permanece, o que nos remete aos idos iniciais da Umbanda, quando encontrou dificuldades para se estabelecer, afinal a hegemonia de classes ainda prevalece nos dias atuais.

Atualmente, a Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade funciona na Rua José Ribamar Pereira Ramos, 271, em Cachoeiras de Macacu, no estado do Rio de Janeiro, e continua realizando seus trabalhos de consultas, filantrópicos e culturais. A Tenda também conta com um sítio eletrônico ([www.tensp.org](http://www.tensp.org)), que reúne

<sup>7</sup> Carta enviada à então prefeita de São Gonçalo, Sra. Maria Aparecida Panisset, em 4 de outubro de 2011. Disponível em: <<http://jeanwyllys.com.br/wp/carta-a-prefeita-de-sao-goncalo-rj-sra-maria-panisset-04-10-2011>>. Acessado em 14 nov. 2016.

<sup>8</sup> Parte da matéria realizada pelo jornalista Sidney Rezende em 8/10/2011 sobre a demolição da primeira sede da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade. Disponível em: <<http://www2.sidneyrezende.com/noticia/148424+prefeitura+de+sao+goncalo+diz+que+nao+e+respo+nsavel+por+casa+da+Umbanda>>. Acessado em 14 nov. 2016.

informações desde a fundação da instituição com relatos em fotos, vídeos e áudios, bem como dados históricos, locais para hospedagem e transporte, entre outros.

### **3) A Umbanda entre as décadas de 1920 e 1940**

Assim como mencionado anteriormente, a Umbanda teve seu desenvolvimento no que Cumino (2015) chamou de ondas. Sendo assim, vamos focar na segunda onda, a que compreende o período de 1920 a 1944.

A Umbanda estava em franca expansão, pois percebia tratar-se de uma religião sem distinções sociais e sem preconceitos raciais, ou seja, uma religião onde o que importava era a fé e não o quanto o fiel ou consulente possuía em dinheiro. Na primeira onda, que foi compreendida entre 1908 e 1928, a Umbanda estava num período de firmar-se enquanto religião. Já na segunda onda a Umbanda expande-se e cria alicerces no Rio de Janeiro, arrebanhando católicos, espíritas kardecistas e mesmo leigos que tinham interesse em conhecer a nova religião. Nesse período, o Brasil passava pelo Estado Novo de Getúlio Vargas, que se aproximara de um modelo ditatorial de governo. Logo, as perseguições religiosas aconteceram, porém não de maneira tão transparente, pois o povo, acreditando no populismo e nacionalismo pregados pelo então presidente, de certa forma distanciava-se de práticas violentas.

Mesmo com essa visão, o período ditatorial, unindo-se ao populismo e ao nacionalismo de Vargas, confundia os umbandistas. Ao mesmo tempo em que havia as perseguições religiosas – mesmo que de forma velada – o então chefe de Estado apoiava toda e qualquer ação que defendesse os valores culturais do povo brasileiro. Além de querer sua legitimação enquanto doutrina e religião, os umbandistas buscavam apoio nos governos para que a Umbanda se tornasse uma prática libertária e não fosse confundida com nenhuma seita ou charlatanismo.

No período em que a Umbanda tenta sua legitimação, o sociólogo brasileiro Renato Ortiz afirma a existência de dois processos nesse percurso: o do embranquecimento das tradições e costumes afro-brasileiros e o empretecimento de boa parte dos praticantes do Kardecismo, ou seja, parecia ser uma “inversão” dentro desse contexto, o que deixa mais claro ainda a busca do povo brasileiro pelas suas raízes.

Embora já faça parte do que se chama de terceira onda (1945-1979), mas ainda dentro da década de 1940, a umbanda começou a viver seu período de grande expansão. O Brasil possuía marcos históricos que se iniciaram nesse período com o fim do Estado Novo de Vargas, o fim da Segunda Guerra Mundial e principalmente pela promulgação da Lei de Liberdade Religiosa, de fevereiro de 1945, que foi fundamental para o estabelecimento de respeito às religiões afro-brasileiras, em especial a Umbanda, que já contava com seus quase 40 anos de existência (CUMINO, 2015).

Dessa maneira, fica difícil separar o período de legitimação e expansão da Umbanda com movimentos e arcabouços políticos, pois ainda em 1946, Jorge Amado, amante inveterado da cultura afro, foi eleito deputado federal pelo Partido Comunista e, nesse mesmo ano, criou um projeto de lei que se tornou a Lei da Liberdade de Cultos na Constituição Democrática.

Ainda no fervor de seu crescimento, a Umbanda buscava criar um laço entre ela enquanto religião e seus adeptos. Isto posto, a Federação Espírita de Umbanda do Brasil, em 1949, criou o “Jornal de Umbanda”, com o objetivo de divulgar a religião, bem como sua filosofia, sua prática, entre outros aspectos.

Com maior liberdade de expressão e ainda num período de expansão vertiginosa, a Umbanda deu início a uma grande estruturação, criando federações espalhadas por todos os estados, tendo como maior divulgador o próprio “Jornal de Umbanda”, que durante 20 anos foi o porta-voz oficial da religião.

Com o avanço das novas tecnologias, outros meios de divulgação da religião Umbanda foram surgindo (como nos mostra o próprio sítio eletrônico da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade). Alguns exemplares do pioneiro “Jornal de Umbanda” ainda existem. A Congregação Espírita Umbandista do Brasil possui exemplares datados de 1953 a 1968. Foi nomeado como atual depositário desse acervo o professor, pesquisador e umbandista Diamantino Fernandes Trindade<sup>9</sup>.

A partir de então, já considerada uma religião respeitada e estabilizada, a Umbanda parte para novos desafios, como, por exemplo, a realização de seu Primeiro Congresso e a criação do Movimento Federativo, na década de 1950.

---

<sup>9</sup> Informação disponível em <<http://radiovinhadeluz.com.br/noticia/69348/historia-jornal-de-Umbanda-testemunha-da-historia-da-Umbanda>>. Acessado em 20 dez. 2016.

#### 4) Da década de 1990 aos dias atuais

Apesar de a Umbanda ter superado as ondas de preconceito, discriminação e negação, os anos 1990 foram para a religião uma década sabática, pois nesse período já não se buscava sua legitimação, porque esta já estava estabilizada enquanto religião. Uma nova onda religiosa, mais conhecida como pentecostalismo e o neopentecostalismo, começou a ganhar força no cenário nacional. Diversas frentes denominavam-se evangélicas e conseguiam espaço na mídia, como emissoras de rádio e principalmente em canais abertos de televisão:

O esvaziamento da Umbanda diminui na década de 1990, mas não chega a terminar: permaneceram na religião os convictos; não há mais modismos em torno da Umbanda; e ela não é mais um grande movimento popular. A religião do povo, da massa, nesse período, será o pentecostalismo e o neopentecostalismo, com suas grandes igrejas-galpão e antigos cinemas desativados. Rádio e TV estão empregados na expansão dos novos evangélicos, e a Umbanda parece estar um tanto quanto acuada (CUMINO, 2015, p. 185).

Ainda para CUMINO (2015), houve um lado extremamente positivo nesse período em que se encontrava a Umbanda: a religião passou por um processo de “limpeza” interna e já não havia mais espaço para os que não tinham certeza dela enquanto religião e do que ela prega ou mesmo os aproveitadores de fé alheia. Começou a se desenvolver um novo perfil do umbandista, ou seja, o praticante firmou-se mais enquanto filho de fé<sup>10</sup>, deixando de ser um simples frequentador para se assumir enquanto praticante. Podemos chamar de “indústria evangélica” os disseminadores de discipulação doutrinária, que trataram de manchar a imagem de outras religiões, com ênfase às que acreditam na reencarnação e espíritos, como o Kardecismo, a Umbanda e o Candomblé.

Podemos ainda entender que atualmente os umbandistas estão mais convictos de sua religião e buscam embasamento para poder sentir-se seguro de sua escolha e, ao mesmo tempo, defendê-la da intolerância religiosa que ainda reina em nosso meio social. Outro ponto a ser observado são os que podemos chamar de “umbandistas de fachada”, pois não são conhecedores da doutrina da Umbanda, porém procuram as tendas para a busca de possíveis milagres, ou cura imediata para algum problema substancial. Não há aquela relação de pertença que podemos observar num umbandista convicto, praticante.

---

<sup>10</sup>Expressão que denomina o umbandista praticante, sendo ele médium que em transe incorpora espíritos ou não.

É muito comum encontrarmos consulentes<sup>11</sup> que se dizem católicos não praticantes, porém frequentam um templo de Umbanda. Nesse aspecto, podemos relacionar a questão sincretismo religioso que permeia as religiões de matriz afro-brasileira. Podemos entender o sincretismo como uma pluralidade de significados e que também pode apresentar-se de diversas formas.

Conforme o dicionário Houaiss digital, em uma de suas vertentes, sincretismo é a “fusão de cultos ou doutrinas religiosas distintas que atribui uma nova interpretação aos seus elementos: sincretismo religioso”. Isto posto, é importante falarmos da Umbanda traçando linhas paralelas entre a religião e o sincretismo, ou seja, voltado a uma proposta de uma antropologia híbrida utiliza-se de linguagens plurais para se chegar a algo criativo.

Logo, esses consulentes católicos não praticantes não ficam limitados a uma só doutrina religiosa, já que na Umbanda há uma relação entre os orixás africanos, os santos católicos e as entidades. Como exemplo, podemos citar as rezas do rosário de um Preto-velho para São Benedito, a corrente de marinheiro para Nossa Senhora dos Navegantes, as bênçãos distribuídas por São Cosme e São Damião, entre tantas outras correntes e divindades.

Há, ainda, os que são oriundos do Kardecismo, que se definem espíritas pelo grau de intelectualidade que esta doutrina arraigou durante o tempo, mas mesmo assim dobram-se aos encantos da Umbanda e que também frequentam o Catolicismo quanto lhe é conveniente. Assim:

[...] muitos umbandistas são ex-kardecistas ou frequentam ao mesmo tempo Umbanda e Kardecismo, Umbanda e Catolicismo, ou Umbanda, Kardecismo e Catolicismo, ficando à vontade para escolher como pertença aquela que lhe venha causar menos problema de discriminação e preconceito. A dupla, tripla e até múltipla pertença religiosa é um fato e vem crescendo ano a ano nessa nossa cultura volúvel, em que os bens estão na vitrine para o consumo. Há um mercado religioso expondo, fazendo ofertas e promoções de seus “produtos”, depreciando seus “concorrentes” e colocando o “consumidor” muito à vontade para trocar de “fornecedor” ao sabor do vento, desde que venham a engrossar suas fileiras (CUMINO, 2015, p. 188).

Conforme Cumino (2015, p. 190), é preciso ficar atento quando trata-se de pertença religiosa, principalmente se confrontada com os números do Censo apresentados pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). A realidade

---

<sup>11</sup> Nome dado aos frequentadores da assistência de um templo de Umbanda; os que vão se consultar com entidades ou chefe de terreiro.

mostra-se distante quando se analisa o que foi respondido à pesquisa, com o real sentimento de pertencimento:

Observando os números do IBGE, é possível ver que depois do período de esvaziamento a Umbanda não parou mais de se esvaír; em 1991, o número de pessoas que se declararam de pertença religiosa umbandista era de 541.518, e, em 2000, esse número caiu para 432.001. Embora o número geral de umbandistas na população venha caindo, é possível observar um crescimento em quantidade de adeptos junto aos núcleos e organizações religiosas umbandistas (CUMINO, 2015, p. 190).

Isso fica evidente nas pesquisas realizadas pelo autor junto a algumas federações e organizações umbandistas. A primeira a ser pesquisada, foi a Federação Umbandista do Grande ABC (FUGABC), conforme aponta o Quadro 1:

Quadro 1 – Tendas filiadas

FUGABC		
1985	2000-2009	2015
1.000	800	2.130

Fonte: CUMINO, 2015, p. 191

O quadro explicita que o número de tendas registradas junto à FUGABC, confirmam os períodos citados que compreendem o crescimento, esvaziamento da Umbanda, bem como seu novo crescimento na questão de filiação à federação.

No que tange à União de Tendas de Umbanda e Candomblé do Brasil (UTUCB), o quadro 2 mostra a evolução de filiação entre as décadas:

Quadro 2 – Número de filiações por década.

UTUCB				
1960	1970	1980	1990	2000
400	866	731	532	800

Fonte: CUMINO, 2015, p. 191-2

O quadro aponta o sentido de crescimento dos anos 2000 em detrimento ao esvaziamento percebido na década de 1990. O autor ainda pesquisou a federação Primado do Brasil e, com informações de Maria Aparecida Naléssio, responsável pela instituição, observou a onda crescente desde sua mensuração, a partir da década de 1960 até 2009, como aponta o quadro 3:

Quadro 3 – Número de filiações por década.

PRIMADO DO BRASIL				
1960	1970	1980	1990	2000-2009
800	1.610	1.827	1.909	1.950

Fonte: CUMINO, 2015, p. 192

O autor ainda utiliza em sua obra pesquisa realizada por Lísias Nogueira Negrão junto aos cartórios de São Paulo, quanto ao número de terreiros registrados, conforme quadro 4:

Quadro 4 – Número de terreiros registrados em cartório/SP

<b>Período</b>	<b>Número de Registros</b>	<b>Média Anual</b>
1929-1944	42	2,6
1945-1952	85	10,6
1953-1959	956	136,5
1960-1963	982	245,5
1964-1967	1.132	283
1968-1970	1.095	365
1971-1973	1.805	601,6
1974-1976	2.844	948
1977-1979	2.417	805,6
1980-1982	1.310	436,6
1983-1985	823	274,3
1986-1989	1.110	277,5
<b>Total</b>	<b>14.601</b>	<b>239,3</b>

Fonte CUMINO., 2015, p. 193-4

Nesse quadro também pode-se observar que os números não são lineares, porém indicam os períodos cíclicos que a Umbanda enfrentou. Essas estatísticas foram apontadas, conforme mencionado, em terreiros e templos registrados em cartório, logo, é complexo apontar número mais exato se observarmos que também pode haver tendas que não são registradas e/ou federadas.

Há de considerar ainda que, no recenseamento, o umbandista pode ocultar sua vertente religiosa, levando os números apresentados pelo IBGE a não convergir com a realidade (CUMINO, 2015, p. 194).

## **5) Umbanda e suas vertentes**

Nesse verdadeiro oceano de opções, ao que se pode escolher o que melhor for conveniente, como se apertássemos uma tecla, encontramos as vertentes da Umbanda. Nesse caso, então, Umbanda ou Umbandas?

Para responder a essa questão podemos criar uma relação entre as vertentes das religiões aqui já citadas, como o Catolicismo, o pentecostalismo e o neopentecostalismo. Na Igreja Católica podemos citar um movimento que surgiu em

1967, conhecido como Renovação Carismática Católica, que discutia o regramento da doutrina católica, com a finalidade de arrebanhar novos adeptos por meio dos chamados Grupos de Oração (trabalham a teoria da proximidade com Deus), porém foi entre as décadas de 1990 e 2000 que esse movimento se expandiu pelos continentes europeu, asiático e americano, com grande influência no México e no Brasil<sup>12</sup>. Mesmo dentro dos dogmas católicos, há essa diferenciação de nomenclaturas entre o tradicional e o que se é considerado renovado.

Também não é diferente no que tange aos movimentos evangélicos. Por esses movimentos, podemos entender que se trata de igrejas de algumas vertentes que compõem o Protestantismo (originado da Reforma Protestante de Martinho Lutero, em 1517). Dentro dessas vertentes encontram-se os dogmas tradicionais, os pentecostais e os neopentecostais que, apesar de terem a “Bíblia Sagrada” como condutor, trabalham com visões diferentes acerca dessas passagens bíblicas (LOPES, 2015). No Brasil, os que mais se destacaram foram os pentecostais e os neopentecostais, principalmente com sua ampla participação no âmbito político nacional – mais conhecida como Bancada Evangélica –, que mescla política, religião e salvação e o que garantiu uma crescente de adeptos entre os anos 1990 e 2000. Sendo assim, também nos mostram divisões entre seu próprio dogma.

Diante disso, nos é claro que na Umbanda não seria diferente. Apesar de seu surgimento ter sido no estado do Rio de Janeiro, sua prática espalhou-se pelo Brasil, o que torna quase impossível não incorporar aos ritos e saberes umbandistas práticas locais ou encontrar tendas e terreiros que dão foco maior a um elemento ou outro da doutrina da Umbanda.

É muito comum encontrarmos definições distintas para as mesmas práticas quando falamos da Umbanda. Da mesma maneira que uma prática católica ou protestante pode diferenciar-se entre si, na Umbanda também há essa multiplicidade de segmentos distintos dentro da mesma religião. Como se vê,

No plano da organização social, a religião umbandista pode ser considerada um agregado de pequenas unidades que não formam um conjunto unitário. [...] Há, portanto, uma multiplicidade de terreiros autônomos, embora estejam unidos na mesma crença, havendo também um esforço permanente por parte dos líderes umbandistas no sentido de promover uma unidade tanto doutrinária quanto na organização. Criam federações, tentam estabelecer formas de relacionamento entre os vários centros decisórios, tentam, enfim,

---

<sup>12</sup> Renovação Carismática Católica Brasil. Disponível em <<http://www.rccbrasil.org.br/interna.php?paginas=42>>. Acessado em 26 dez. 2016.

enfrentar a dificuldade de conviver simultaneamente com formas de organização dispersas e tentativas de centralização (BIRMAN, 1985, p. 25-6).

Outro quesito apontado pela autora refere-se à diversidade doutrinária e às suas diferentes expressões em seu sentido religioso, mas que ainda assim intitulam-se como Umbanda. Embora haja divergências visíveis na maneira de se cultivar a religião, essas diferenças não afetam a existência de um mesmo credo, assim como seus princípios doutrinários, uma vez que pode haver a prática da umbanda miscigenada com o Catolicismo, o Candomblé e, por vezes, o Kardecismo, de forma concomitante (BIRMAN, 1985).

Dessa maneira, a pluralidade religiosa dentro das práticas umbandistas nos mostra que não há uma denominação ou rótulo que a categorize como “Umbanda certa” e “Umbanda errada”. De acordo com Lísias Nogueira Negrão (1996),

[...] a grande influência moralizadora sobre a umbanda provém do Kardecismo. Certamente uma grande quantidade de pais de santo teve sua formação espírita e mediúnica inicial nas “mesas brancas”, aderindo posteriormente às giras. Há também um número indefinido, mas certamente bem elevado, de simples médiuns iniciados nos salões kardecistas. A influência das ideias de Allan Kardec difusas no meio umbandista pode ser aferida pela generalizada presença da concepção de caridade. [...] A teoria kardecista da reencarnação e da evolução espiritual é o pano de fundo motivador da caridade umbandista. Sua prática é entendida, portanto, como missão, à qual os pais de santo gostariam de poder fugir, pois são muito restritivas da liberdade individual, mas à qual se submetem (NEGRÃO, 1996, p. 116).

Logo, ao carregar fundamentos que se aproximam de outras religiões é compreensível que haja diversos tipos de Umbanda.

Podemos abordar as práticas religiosas acontecidas no Rio de Janeiro, nas primeiras décadas de 1900, como primeiro exemplo. Os rituais afro-brasileiros praticados eram chamados de macumba. Sua maioria possuía influência banto<sup>13</sup>, do qual a liturgia e as cerimônias flexíveis se aproximavam muito da Umbanda, agregando novos valores, tornando esses cultos ecléticos (CUMINO, 2015).

O nome macumba deriva-se de uma madeira de mesma nomenclatura, que é usada para a fabricação de um instrumento musical (que também leva esse nome) e, por isso, as músicas e danças utilizadas nos ritos ganharam essa denominação.

<sup>13</sup> Conjunto de populações da África, ao Sul do Equador, que falam línguas da mesma família, mas pertencem a tipos étnicos muito diversos. Cf. Dicionário Online de Português. Disponível em <<https://www.dicio.com.br/banto/>>. Acessado em 28 dez. 2016.

As Macumbas Cariocas, como ficaram conhecidas, também aderiram às práticas litúrgicas da Umbanda, o que, de certa forma, fez com que desde 1930 até os dias atuais o senso comum utilize a expressão “fazer macumba”.

O termo “macumba” geralmente é utilizado em todo o Brasil para referir-se não somente a cultos e práticas religiosas, mas sim a qualquer tipo de magia ou vulgarmente chamados de despachos. Atualmente existem macumbas para todos os efeitos e aparece em todas as esferas brasileiras (p. 144, RAMOS, *apud* CUMINO, 2015, p.149-50).

Seguindo a mesma linha, podemos citar também a Umbanda popular que possui fortes traços africanos e cruza com as práticas do Candomblé da nação de Angola<sup>14</sup>.

Também há os que praticam a Umbanda branca ou esotérica, que se afasta das práticas tradicionais, pois não pregam o sacrifício de animais e fazem referência às figuras mitológicas egípcias (p. 357, AZEVEDO, *apud* PINHEIRO, 2012, p. 248). Ainda nesse aspecto, encontramos a definição da linha branca de Umbanda:

[...] umbanda é uma palavra de sentido oculto. Entretanto, permitenos a tradução de seu sentido em “Luz de Deus”, ou ainda “trabalho de luz que vem de Deus”. Umbanda é a sabedoria divina entre os homens. Umbanda é a fusão de todas as religiões do Universo. Umbanda é também chamada, e com razão, “linha branca de umbanda”. Linha, com o significado de sistema religioso. Branca para afirmar o que ela pretende: branco é o oposto de negro; branco é Luz, é o Bem; negro é a treva, é o Mal (ANSELMO *apud* PINHEIRO, 2012, p. 250).

Há também outra denominação de Umbanda branca defendida na obra “Umbanda Branca e Cristã” (FORCHEZATTO et al, 1999), que trabalha de maneira geral com os caboclos e pretos-velhos, de modo organizado, com regras e normas e se empenha em prestar caridade.

Outra vertente encontrada é a denominada Umbanda de branco, que é muito próxima ao Kardecismo por utilizar-se da própria mesa branca para a realização dos trabalhos, assim como as vestimentas. Em algumas regiões é também conhecida como Umbanda de Cáritas, por iniciar as sessões com a Prece de Cáritas do espiritismo kardecista (CACCIATORE, 1988).

Conforme o “Dicionário da Umbanda”, a Umbanda canjerê alcunha-se do trabalho com traços de feitiçaria visando fazer o mal a alguém, sendo também uma

<sup>14</sup> No Candomblé de origem africana, cada nação ou terreiro é tocado de uma forma e representa uma região tribal da África, como Angola, nagô, gêge, ketu, entre outros.

dança de origem africana executada em alguns terreiros para fins religiosos (PINTO, 1971). É por meio da roda de dança e dos cânticos que se estabelece a conexão entre o homem e o divino.

Podemos entender a Umbanda mística como uma religião baseada puramente na fé, que se torna a válvula de escape quando todas as hipóteses materiais findam-se, ou seja, quando todo o senso crítico humano acaba, a fé passa a ser a detentora da realização do milagre (PINHEIRO, 2012).

Conforme citado anteriormente, é sabido que a Umbanda é entendida e praticada de maneiras distintas, dependendo da região de nosso país, e muitas vezes entre em processo de miscigenação como o Candomblé. Conquanto, não seria diferente ao falarmos da chamada Umbanda Almas e Angola, oriunda do estado de Santa Catarina, trazida do Rio de Janeiro. Trata-se de uma dissidência da Umbanda, mas com particularidades vindas do Candomblé. Na Umbanda de Almas e Angola existem as feitura no santo, o ronco<sup>15</sup>, há sacrifícios de animais e a catulagem<sup>16</sup>. Carrega o substantivo umbanda, pois, além disso, também trabalha com caboclos, pretos-velhos e outras entidades que geralmente se trabalha num templo ou terreiro de umbanda. É importante observar que na Umbanda nativa trazida por Zélio Ferdinando de Moraes isso não ocorre<sup>17</sup>.

Sendo mais uma vertente, encontramos a Umbanda omolocô<sup>18</sup>, que também se baseia na miscigenação da Umbanda e do Candomblé. Ressurgida por Tancredo da Silva Pinto<sup>19</sup>, no inverso da desafricanização da Umbanda. Assim como na Umbanda Almas e Angola, existe uma proximidade muito grande entre o Candomblé pelos ritos e da Umbanda pelas entidades (PINHEIRO, 2012).

Por vezes, a Umbanda omolocô é considerada como Umbandomblé e, uma vez havendo essa mescla, nos torna impossível não remeter ao hibridismo que possa haver nessa junção. Para o historiador inglês Peter Burke, em sua obra “Hibridismo Cultural” (2003), o que é híbrido passa longe de ser algo único, pois:

<sup>15</sup> Também chamado de camarinha, é o local onde o yaô ou filho de santo fica recolhido ao fazer a obrigação de feitura dos santos.

<sup>16</sup> Raspagem da cabeça e pintura do corpo, que também fazem parte do ritual de iniciação.

<sup>17</sup> Na Umbanda de Zélio Ferdinando de Moraes, nos cultos e ritos não se utiliza atabaques ou tambores, não há sacrifícios de animais, raspagem de cabeça, tampouco processo de feitura ou iniciação no santo, como no Candomblé.

<sup>18</sup> Culto de origem angolense.

<sup>19</sup> Escritor, compositor, sambista e umbandista. É considerado o organizador do culto omolocô no Brasil e tido como o “Papa Negro da Umbanda”. Disponível em <<https://sites.google.com/site/caboclopanteranegra/textos-doutrinarios-e-informativos/tancredo-da-silva-pinto---pequena-biografia-do-incentivador-da-umbanda-omoloco>>. Acessado em 27 dez. 2016.

Devemos ver as formas híbridas como o resultado de encontros múltiplos e não como o resultado de um único encontro, quer encontros sucessivos adicionem novos elementos à mistura, quer reforcem os antigos elementos (BURKE, 2003, p. 31).

Longe de ser adepto da Umbanda ou do Candomblé, Burke já defendia o resultado positivo de uma hibridação. Podemos ainda tratar a Umbandomblé como outra vertente da religião. Na Umbandomblé os adeptos seguem os princípios da Umbanda baseados na prestação de auxílio espiritual e na prática da caridade, bem como no culto aos orixás e aos fundamentos do Candomblé. O que pode vir a assustar aos leigos é que nessa condição de Umbanda há o sacrifício de animais, as obrigações de feitura, o recolhimento do filho de santo ao roncó e saída de santo<sup>20</sup>.

Embora bastante praticada, a Umbandomblé é igualmente criticada e apontada por não ter legitimação. O autor André de Oliveira Pinheiro, em sua obra “Revista Espiritual da Umbanda: Representações, Mito Fundador e Diversidade do Campo Umbandista” (2012), publicou parte do editorial de número 10 da “Revista Espiritual da Umbanda” em 2005, que faz severas críticas à Umbandomblé: *“Da prática da junção de Candomblé e Umbanda surge o que chamamos de Umbandomblé. Isso não é sincretismo, é apenas a migração de práticas religiosas que nada têm a ver com o ritual de umbanda, muitas vezes, puro exibicionismo. Aceitar rituais ou filosofias e inseri-los na Umbanda tem seu limite no bom-senso de cada sacerdote”*.

Mas não somente a Umbandomblé é criticada por se considerar uma vertente da Umbanda. Ainda há a Quimbanda<sup>21</sup>, que também é por muitos considerada algo à parte da Umbanda. Assim como em qualquer estudo religioso, cada autor/pesquisador possui uma denominação para a Quimbanda – por vezes tendenciosa, por vezes não –, no que acaba por termos disponíveis várias concepções e sentidos.

Para sermos mais concretos, não podemos nos apegar somente no sentido de que a Quimbanda é algo voltado exclusivamente para o mal, por trabalhar com exus<sup>22</sup> e pombogiras<sup>23</sup>. A Umbanda também atua com essas entidades. Em alguns

<sup>20</sup> Festa aberta ao público com o filho de santo em transe de incorporação, com as vestimentas do seu “santo de cabeça”, dançando e saudando a todos os presentes. Geralmente após esse ritual há a distribuição farta de comida ao público assistente.

<sup>21</sup> Cf. “Dicionário de Umbanda” é o mesmo que magia negra praticada nos Candomblés da Bahia, originário dos negros africanos.

<sup>22</sup> Entidade masculina transgressor, que habita as trevas. Geralmente ligado à vida boêmia e marginal. Comum em várias religiões de matrizes afro-brasileiras, inclusive a Umbanda.

templos com mais frequência e em outros com menos. Mas há outros conceitos, como se vê:

No meio umbandista, geralmente se atribuem a dois significados mais comuns. O primeiro deles refere-se simplesmente aos trabalhos com exus e pombasgiras. Nesse caso, a Quimbanda é uma prática que integra o ritual da umbanda. No segundo significado, o termo quimbanda designa um culto autônomo, independente e até mesmo oposto à própria Umbanda: é como se fosse um tipo de umbanda que admitisse ou fosse voltada para o mal, para trabalhos de magia negra (PINHEIRO, 2012, p. 252).

Outra definição é que a Quimbanda possui um sacerdote de origem banta (na grafia original *kimbanda*), que no Brasil foi estranhamente confundida com a prática do mal (p. 187, LOPES *apud* PINHEIRO, 2012, p. 254).

Por fim, o que temos de mais concreto é que todas as Umbandas que trabalham com exus, pombogiras e afins não são bem interpretadas, principalmente por leigos, já que é difícil relacionar a prática do bem e da caridade, bandeira maior da Umbanda, com ambientes escuros, velas pretas e vermelhas e, em muitos casos, o sacrifício de animais, em alguns casos, de grande porte.

### **Considerações finais**

A partir do exposto, pudemos perceber o longo caminho que a Umbanda caminhou – e ainda caminha no sentido de sua legitimação enquanto religião. Desde seu surgimento, pudemos perceber os “altos e baixos” que a Umbanda atravessa até os dias atuais. Numa visão antropológica, a Umbanda traz vida ao sentido da palavra religião (*religare*) que busca justamente a união das pessoas em busca de um bem comum e, nesse caso, a prática da caridade e da ajuda ao próximo.

A Umbanda passou por muitos revezes desde seu surgimento, buscando um elo de legitimação e aceitação junto à sociedade, já que enfrentavam dois obstáculos no meio religioso: o preconceito de alguns que estudam e praticam o kardecismo (considerado como espiritismo de elite) e demonização dela na concepção de demais membros de outras religiões pentecostais.

Logo, podemos entender que desde seu surgimento a Umbanda passou por etapas de amadurecimento, de perfilhamento e de expansão. Também nos

---

<sup>23</sup> Possui as mesmas características do exu, porém na versão feminina. Está sempre ligada a futilidades e dinheiro e, de maneira geral, relacionada à prostituição. Também presente na Umbanda.

apresenta de forma clara que com o despontamento de novas religiões pentecostais e neopentecostais a Umbanda sofre uma degradação de adeptos, mas que demonstra força em seu renascimento a partir dos anos 2000 e, apesar de suas muitas vertentes, jamais poderemos afirmar a existência de uma Umbanda certa ou Umbanda errada, pois é por meio dessas representações religiosas que se edifica a tão eclética cultura brasileira.

## Referências

- BIRMAN, Patrícia. **O que é umbanda**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BURKE, Peter. **Hibridismo Cultural**. São Leopoldo: Unisinos, 2003
- CACCIATORE, Olga Gudolle. **Dicionário de cultos afro-brasileiros**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988.
- CUMINO, Alexandre. **História da umbanda: uma religião brasileira**. São Paulo: Madras, 2015.
- FORCHEZATTO, Domingos *et al.* **Umbanda branca e cristã**. Campinas (SP): R. Vieira Editora, 1999.
- GEERTZ, Clifford. A religião como sistema cultural. In: **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, [1973] 1989.
- ISAIA, Artur Cesar; MANOEL, Ivan Aparecido (Org.). **Espiritismo & religiões afro-brasileiras: história e ciências sociais**. São Paulo: Ed. Unesp, 2012.
- NEGRÃO, Lísias Nogueira. Umbanda: entre a cruz e a encruzilhada. **Revista Tempo Social**. São Paulo, no. 5, p. 113-122, 1994. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/84951>>. Acessado em 15 jan. 2016.
- PINHEIRO, André de Oliveira. Umbandas: segmentação e luta de representações nas páginas de uma publicação umbandista. **Relegens Thréskeia estudos e pesquisa em religião**. Curitiba, no. 1, v. 1, 2012. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/relegens/article/view/31041/20751>>. Acessado em 01 set. 2017.
- PINTO, Altair. **Dicionário da umbanda**. São Paulo: Eco, 1971.
- RODOLPHO, Adriane Luísa. Rituais, ritos de passagem e iniciação: uma revisão da bibliografia antropológica. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, no. 2, v. 44, p. 138-146, 2004. Disponível em: <[http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos\\_teologicos/article/view/560](http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/560)>. Acessado em 09 set. 2017.
- TRINDADE, Diamantino Fernandes. **Umbanda brasileira: um século de história**. São Paulo: Ícone, 2009.
- TRINDADE, Diamantino Fernandes. **Umbanda e sua história**. São Paulo: Ícone, 1991.